

---

## **Atributos de (des)legitimação no discurso do cientista: Átila e o Coronavírus no Brasil<sup>1</sup>**

Danielly Bezerra dos SANTOS<sup>2</sup>

Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA<sup>3</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP

### **RESUMO**

Este trabalho descreve e analisa elementos performático-discursivos evidenciados por sujeitos que, no instante da interação online, pública e voluntária, se opõem à figura do cientista como ator legitimado para o debate. Reflete sobre as principais mudanças na formação da ciência moderna, a transição da modernidade para a pós-modernidade e apresenta conceitos para o entendimento desta última fase com o declínio das metanarrativas descrito por Lyotard (1989). O material empírico é composto por uma série breve de comentários negativos a uma postagem opinativa do biólogo brasileiro Atila Iamarino na rede social Twitter, em junho de 2020. As análises demonstraram a ausência de argumentos aprofundados por parte dos usuários opositores, que se referiram, em sua maioria, não ao trabalho, mas à pessoa do cientista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência; Modernidade e Pós-modernidade; Legitimidade; Twitter.

### **INTRODUÇÃO**

O século XXI tem desafiado distintas estruturas da vida social que, em certos momentos da história da humanidade, estiveram em posição imaculada de segurança e verdade. A construção paulatina e cumulativa do conhecimento, que percorreu muito mais do que dois milênios, considerando seu berço na filosofia da Grécia Antiga, experimenta perturbações consideradas inéditas a partir da segunda metade do século XX, onde autores como Jean-François Lyotard discutem simultaneamente a mudança na legitimidade desse discurso e a própria constituição do período chamado pós-modernidade (LYOTARD, 1989).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, bolsista PROSUP-CAPES, e-mail: [daniellybdossantos@gmail.com](mailto:daniellybdossantos@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora do PPGCOM ESPM, e-mail: [gabriela.almeida@espm.br](mailto:gabriela.almeida@espm.br)

---

A consolidação do saber científico ao longo da modernidade assentou um determinado espaço de produção e circulação de um tipo de discurso particular, respaldado na materialidade física e comprovável do mundo em detrimento do conjunto de saberes populares, mitos, e crenças religiosas (cristãs e não-cristãs) perpetuados nas culturas das sociedades ocidentais. No avançar da pós-modernidade, esse esquema construído ao longo de cerca de três séculos caminha cada vez mais tensionado para o que se pode chamar de tentativa de inversão desses polos de legitimidade.

Na atual crise sanitária global, a pandemia do Coronavírus está se constituindo objeto de intensa disputa entre divergentes narrativas e perspectivas a respeito da verdade cientificamente proposta. Com a circulação das diversas produções acadêmicas, pareceres técnicos e opiniões de especialistas no domínio da saúde, chama a atenção o confronto público ocorrido nas mídias brasileiras travado diante dos dados e/ou posicionamentos apresentados por esses profissionais da saúde, questionados por lógicas alheias à tecnicidade e cientificidade.

Neste trabalho, pretendemos discutir quais elementos são evidenciados pelos seguidores que questionam as afirmações dos dados produzidos em relação ao Coronavírus no Brasil e que são veiculados na rede social Twitter do biólogo brasileiro Atila Iamarino. Esta discussão compõe um projeto maior de dissertação de mestrado e se faz um espaço para as primeiras explorações sobre os conceitos de pós-modernidade e crise da legitimidade da ciência, e como esses se articulam desde o pensamento lyotardiano até os desafios presentes.

### **Ciência em xeque?**

A partir dos anos 2000, a sociedade brasileira passa a ser movimentada por uma série de mudanças que, se não estruturais, indicam ao menos profundas transformações na mentalidade e no comportamento de seus sujeitos. Para apresentar esse pano de fundo, deteremo-nos brevemente a um conjunto de mudanças específicas, que marcaram dois processos importantes de expansão: o ensino superior no Brasil, com a criação de novas universidades públicas federais, e o alcance da conexão de internet nos ambientes comercial e domiciliar.

---

Iniciadas discussão e elaboração do projeto de expansão do ensino superior brasileiro ainda nos 1990, no então governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), a concretização de algumas ações se daria anos mais tarde com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) em 2002. A partir de 2004, se estabeleceram: a reforma da educação superior (enquanto diretriz jurídica); parcerias entre universidades federais e fundações de direito privado; o Programa Universidade para Todos (ProUni); a instituição das Ações Afirmativas (cotas raciais e demais); Lei de Inovação Tecnológica; e demais parcerias público-privadas (RODRIGUES; MANFROI, 2011). Houve ainda o ciclo de criação de uma série de novas universidades públicas federais em pólos interioranos e que atendiam à complementação de campi já estabelecidos nos grandes centros urbanos, o chamado Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI (VICENTE *et al*, 2008).

No século XXI, o Brasil soma a criação de 24 instituições de ensino superior (IES) público federal. Essas IES estão distribuídas por todo território nacional e são aqui mencionadas a fim de uma ligeira noção sobre a ampliação desse aparato generalizado. Importante ressaltar que também existem os números da rede privada de ensino que não foram trazidos aqui por não ser exatamente esse o objetivo da discussão.

Por volta de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) regulamenta as aplicações da Educação à Distância no Brasil (EaD). Um ano antes se iniciavam as primeiras aplicações da internet comercial no Brasil, gerida pela iniciativa privada através da privatização da distribuição nacional pelo órgão Embratel (BECHARA, 2015).

Nos anos 2000 se deu a gradual ampliação do uso da internet no Brasil e especialmente na segunda década, com a popularização da venda de *smartphones*, as redes sociais digitais passam a ocupar um espaço importante da vida social e privada dos cidadãos brasileiros. Mídias sociais de uso gratuito e com apelo interacional agregaram cada vez mais usuários e o Brasil se tornou rapidamente um dos países com maiores índices de acesso e perfis ativos (HOOTSUITE Digital 2019). Facebook, Instagram, Twitter, YouTube, WhatsApp, Pinterest, Snapchat e o mais recente criado

---

TikTok são os exemplos de redes atuantes na maioria dos países do mundo e que concentram extensos períodos de uso diário no Brasil<sup>4</sup>.

A média de tempo diário dedicado por brasileiros ao uso da internet via *mobile* ou computadores<sup>5</sup> com interação via redes sociais e aplicativos de mensagens nos anos recentes trouxe maior visibilidade às opiniões da população a respeito do quadro político do País. Esse movimento pode ter seu início relacionado ao conhecido ‘Junho de 2013’, com os protestos em larga escala movidos pela insatisfação popular diante do aumento das passagens do transporte público nas capitais e a realização da Copa do Mundo de Futebol no ano seguinte. Questões como a ampliação dos direitos sociais no processo de redemocratização brasileira e a série de demandas populares que foram tensionadas para serem consideradas pelo poder político compõem o conjunto de fatores que foram-se evidenciando entre a primeira e segunda décadas dos anos 2000, e que explicam, em parte, o comportamento do eleitorado brasileiro nos anos que se seguiriam (MARICATO *et al*, 2013).

O curso eleitoral conturbado de 2014, com a reeleição da presidente Dilma Rousseff sob questionamento por parte da oposição e o sumário processo de *impeachment* em 2016, inseriram continuamente a discussão político-partidária na comunicação cotidiana brasileira, onde produzir e circular opiniões sobre o contexto político se tornou comum nos usos daquelas redes digitais. A corrida presidencial do ano de 2018 acrescentou um novo elemento ainda não conhecido pelos brasileiros: o uso instrumentalizado das redes sociais digitais com fins eleitorais (PRIVACIDADE, 2019).

Eleito no segundo turno em 2018, o presidente Jair Bolsonaro inaugurou o formato de comunicações oficiais e com correligionários majoritariamente através das redes sociais digitais (sendo as principais Facebook, Instagram e Twitter), com caráter espontâneo e acessível ao eleitorado. Essa concentração pode ser um dos incentivadores para o aumento do número de usuários na rede Twitter até o tempo presente. Segundo Marcelo Santos Junior (2019, p. 29), “Estudos sobre a internet demonstraram que websites e Twitter reproduzem o oligopólio de grandes corporações midiáticas, na

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://glo.bo/33MYpFQ>>. Acesso em 22 jun. 2020.

<sup>5</sup> Dados do CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3nBY54V>>. Acesso em 01 out. de 2020.

medida em que o conteúdo jornalístico mainstream monopoliza em larga escala o tráfego digital”. O acirramento do governo eleito e da oposição se refletem, assim, nas pautas jornalísticas que produzem nas manchetes nas redes digitais, produzindo também um ciclo retro-alimentado.

## **A pandemia de 2020**

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan (China) foi identificado o vírus SARS-CoV-2, nomeado como Coronavírus e causador da doença COVID-19<sup>6</sup>. O primeiro caso registrado no Brasil data de 26 de fevereiro de 2020 em São Paulo (SP)<sup>7</sup>. Em 11 de março, o status da então epidemia é atualizado para pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>8</sup>.

Essa crise sanitária passou a mobilizar o debate e as ações no Brasil ao longo do primeiro semestre uma vez que os efeitos se mostram paralisantes em todos os setores nacionais. Nesse cenário, os especialistas em saúde pública, epidemiologia e áreas próximas têm sido constantemente acionados pela imprensa para comunicar à população quais cuidados devem ser praticados na nova rotina de proteção e convivência com o Coronavírus.

Assim esperado, as questões sobre o Coronavírus estão marcadamente presentes nos diálogos e interações do ambiente digital na atualidade, e as redes sociais têm-se mostrado ferramentas muito propícias à veiculação de informações independentes, sendo elas de especialistas ou não. Para essa discussão, trazemos uma figura pertencente a esse primeiro grupo.

Atila Iamarino é graduado em Biologia e possui doutorado em Microbiologia, ambas as formações cumpridas na Universidade de São Paulo (USP)<sup>9</sup>. Nos anos mais recentes, tem trabalhado também com divulgação científica na internet, onde mantém perfis ativos e atualizados nas redes Instagram, Twitter e YouTube.

O pesquisador tem ganhado proeminência ao ser apontado como uma importante referência no esclarecimento sobre a pandemia do Coronavírus no Brasil. Figura já

<sup>6</sup> Fonte: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em 17 jun. 2020.

<sup>7</sup> Fonte: <<https://bit.ly/3lAzPhy>>. Acesso em 17 jun. 2020.

<sup>8</sup> Fonte: <<https://bit.ly/2SLRvX9>>. Acesso em 17 jun. 2020.

<sup>9</sup> Informações fornecidas pelo próprio citado em seu currículo na Plataforma Lattes <<http://lattes.cnpq.br/4978322672579487>>. Acesso em 17 jun. 2020.

conhecida nos canais citados, sua participação no tradicional programa de entrevistas ‘Roda Viva’, da emissora TV Cultura, amplificou o alcance das análises produzidas e circuladas em suas redes sociais particulares. Durante a exibição ao vivo em 30 de março de 2020, o programa alcançou 1.8 ponto de média de público na região metropolitana de São Paulo segundo a TV Linear/Instituto Kantar Ibope. No YouTube (onde ocorreu a transmissão simultânea), foram registradas cerca de um milhão de visualizações em 24 horas<sup>10</sup>. Também se manteve como assunto mais comentado no Twitter brasileiro e terceiro na lista mundial horas depois da transmissão, sob a identificação ‘#RodaViva’<sup>11</sup>.

Ao observar a divulgação e consequente análise de alguns dos dados veiculados pelo cientista Atila em seu perfil na rede social Twitter<sup>12</sup> no mês de junho, quando o número de brasileiros mortos por Covid-19 se aproximava de 50 mil, foi possível perceber que uma parte dos usuários que se dispõe a comentar esses materiais se refere ao biólogo com postura pessoalmente crítica e questionadora, por vezes não relativa ao conteúdo em si. Além das análises, no Twitter o cientista também comenta matérias jornalísticas, responde dúvidas dos usuários, esclarece as melhores práticas de proteção durante a pandemia e opina em demais assuntos. Possuindo a verificação do Twitter<sup>13</sup>, o perfil se concentra na temática central do Coronavírus e nos acontecimentos relativos a ele no Brasil e no mundo - ao menos no primeiro semestre do ano de 2020.

A motivação do debate público de ordem conflitante - entre os que defendem determinadas medidas contra o Coronavírus e os que duvidam de sua existência - parece dizer respeito à aspectos não propriamente de saúde pública, mas do questionamento de uma ordem já estabelecida em detrimento de outra. O movimento de negação aos comentários e interpretações dos dados produzidos pelo cientista Atila pode estar inscrito num fenômeno anterior e mais complexo do que se apresenta, a saber uma *crise de legitimidade na ciência*.

---

<sup>10</sup> Fonte: <<https://bit.ly/36VqBbK>>. Acesso em 30 set. 2020.

<sup>11</sup> Dados indicados pela apresentadora do programa, a jornalista Vera Magalhães, em postagem no seu perfil no Twitter: <<https://bit.ly/2HJRULz>>. Acesso em 30 set. 2020.

<sup>12</sup> Onde o perfil oficial se localiza em <<https://twitter.com/oatila>>, em que responde por @oatila. Acesso em 17 jun. 2020.

<sup>13</sup> A verificação é fornecida pelo gerenciamento da própria rede social, que ao confirmar a veracidade do proprietário do perfil concede um selo azul visível a todos os usuários da rede.

---

## Conhecimento em reconstrução

Durante o período medieval, o conhecimento que vinha se estruturando em distintas áreas (embora não regulamentado em disciplinas aos moldes atuais) possibilitou a consolidação de um modelo de produção específico de conhecimento baseado na racionalidade e na mentalidade crítica (NOVAES, 2007).

Séculos a frente, a discussão sobre a estruturação do campo científico no mundo em fins do primeiro milênio coaduna com a discussão sobre o estabelecimento da própria modernidade. Na trajetória seguida até o século XX, a perspectiva sobre a realidade na modernidade se pauta na razão e na ciência, com a observação prática e descritiva dos fenômenos da natureza.

O surgimento da expressão ‘pós-modernismo’ é atribuído ao escritor espanhol Federico de Onís, que por volta dos anos 1930 utilizou o termo no contexto dos estudos estéticos literários. Já com uma conceituação histórica, o historiador britânico Arnold Toynbee se tornou a figura a inaugurar a ‘pós-modernidade’ como marco temporal que sucederia a modernidade (entre os anos 1940-50) (LEONEL; MESQUITA, 2014).

Quando de uma exata definição do termo pós-modernidade, aparecem, então, as discordâncias e interpretações multifacetadas na comunidade que se dispõe a debatê-lo mais intimamente. O filósofo Richard Rorty comentava não haver certeza sobre o significado do termo - levantando a questão de que seja mesmo uma tarefa quase inalcançável (ALMEIDA, 2006). De acordo com Onésimo Almeida (2006, p. 6), "[a pós-modernidade] não é propriamente a substituição da mundividência moderna, mas uma tomada de consciência das limitações resultantes da implementação dos seus postulados desta".

As autoras Joyce Appleby, Lynn Hunt e Margaret Jacob, no livro ‘Telling the Truth About History’, mencionam a qualidade poliédrica do termo:

este é um rótulo notoriamente escorregadio. Às vezes, aparenta que tudo é pós-modernista; em outras, que todos evitam uma categoria que pode estar sendo sinônimo de niilismo e uma postura ridícula de si mesmo. Se você pensar em Jacques Derrida e Madonna como pós-modernistas, terá ideia do quão problemática é essa definição.) (APPLEBY *et al* apud ALMEIDA, 2006, p. 1, tradução nossa)

---

Concentrando o olhar na temporalidade que os conceitos representam, vê-se que é na transição da modernidade para a pós-modernidade que a problemática sobre a legitimação da autoridade se torna mais nítida. Primeiramente, porque toda posição de autoridade será questionada em virtude do *enfraquecimento dos discursos universalizantes* e pretensamente colocados como verdades absolutas. E, em segundo lugar, porque o recuo dessa posição privilegiada de fala totalizante dará espaço para o fortalecimento de outros tipos de discurso, o *sistema de crenças*.

A esse respeito, o filósofo francês Jean-François Lyotard (1989) contribuiu fortemente com a reflexão sobre a pós-modernidade e apresentou na obra *A condição pós-moderna* o conceito das metanarrativas e de seu declínio. É a partir dessa ideia que iniciamos a compreensão sobre o que motiva o questionamento da autoridade científica em particular, respondendo ao objetivo desta discussão.

Lyotard julga pós-moderna “a incredulidade em relação aos metarrelatos” (LYOTARD, 1989), onde a ciência é no tempo presente apenas mais uma das variadas metanarrativas disponíveis à apropriação dos sujeitos sociais. A ciência, que era um dos pilares da modernidade enquanto estágio avançado de civilização, se mostra em vias de desmoronamento na pós-modernidade. Sobre essa esfera, Lyotard comenta:

A ciência está originariamente em conflito com as narrativas. De acordo com seus próprios critérios, a maior parte destas aparecem como fábulas. Mas a ciência, do mesmo modo que se não reduz à enunciação de regularidades úteis e procura o verdadeiro, tem de legitimar as suas regras de jogo. Por isso ela mantém sobre o seu próprio estatuto um discurso de legitimação, a que se chamou «filosofia». Quando este metadiscurso recorre explicitamente a esta ou àquela grande narrativa, como a dialética do Espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, o desenvolvimento da riqueza, decide-se chamar «moderna» à ciência que elas se referem para legitimar. (LYOTARD, 1989, p. 11)

Todo esse processo envolve, na realidade, a sucessiva quebra de paradigmas que é tido como um dos pressupostos do permanente avanço do conhecimento científico, mas que é enxergado como insuficiente para responder às demandas do sentimento de segurança pela e na sociedade. As fábulas mencionadas por Lyotard podem ser entendidas como o sistema de crenças e/ou religiões (que retornam ao centro do debate no século XXI). Sobre essa ideia, o autor Charles Lemert explica ao interpretar Lyotard:

---

A ciência e outras formas de conhecimento dependem da legitimidade em que a cultura as mantém. A modernidade é, assim, a cultura que acredita em certas metanarrativas ou histórias amplamente partilhadas, sobre o valor e a “verdade” da ciência (...). A pós-modernidade é uma cultura em que essas metanarrativas são consideradas completamente ilegítimas e, assim, não são universalmente tidas como críveis por completo (LEMERT, 2000 apud NOVAES, 2007, p. 13).

A pós-modernidade traz, portanto, a inversão de valores que, ao serem gradativamente atribuídos ao discurso científico, o legitimaram ao longo dos últimos três ou quatro séculos. Eles são agora revogados por esses sujeitos atores da contemporaneidade que se sentem com propriedade para fazê-lo - não necessariamente a partir das mesmas lógicas operativas, nesse caso o método científico. O que se coloca em disputa é uma outra perspectiva de ler o mundo, considerada tão verdadeira quanto as demais.

### **Apontamentos Metodológicos**

Envolvido no debate sobre o Coronavírus desde o início dos casos no Brasil, a presença do cientista Atila Iamarino em espaços midiáticos tem provocado um número considerável de reações. Para entender como essas se dão, pretendemos expor um trecho retirado de seu perfil oficial no Twitter.

Em virtude da complexidade do funcionamento das redes sociais digitais atuais, não é possível trazer maiores informações sobre os usuários/perfis em questão. Os comentários presentes na amostra foram coletados a partir da observação do Twitter do biólogo, onde optamos por nos concentrar apenas no tweet (post/postagem) fixado na rede, ou seja, o primeiro conteúdo que os usuários verão ao visitar o perfil (06 de março de 2020).

Entendendo o Twitter como parte das ‘redes emergentes’ nos usos sociais da internet, será considerada a ‘Análise de Redes Sociais’ definida por Suely Frago (2011). Sobre a propriedade dos dados para este trabalho, e valendo-nos da mesma autora, definimos:

- Dados de composição> capital social> cognitivo  
São os dados obtidos ao observar a qualidade dos vínculos mantidos e a percepção dos atores nessas redes. O capital social diz respeito ao conjunto de valores compartilhados na determinada rede pelos atores daquele vínculo formado, onde o

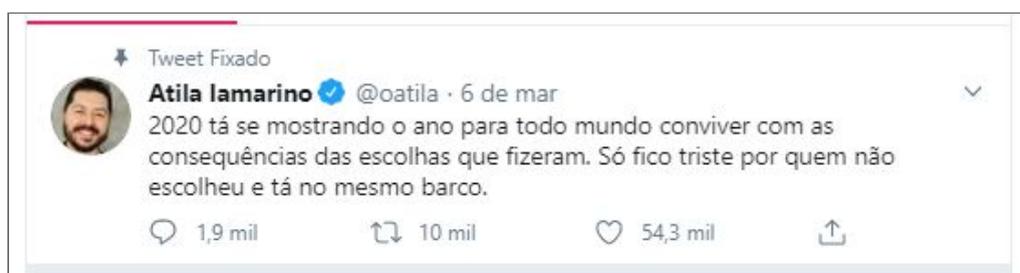
---

recurso cognitivo é especificamente a junção ou compartilhamento do conhecimento e informação disponível naquele espaço comum.

### Com a palavra, @oatila

O perfil do cientista Atila Iamarino contabilizava no período desta coleta cerca de 980 mil seguidores na rede social Twitter<sup>14</sup>.

Uma ressalva particular para os comentários capturados: a lógica interna de funcionamento da rede social não indica que a ordem de exibição se dá cronologicamente, de modo que para esta coleta foram considerados ‘10 primeiros’ os comentários assim apresentados para um dos nossos perfis pessoais (enquanto autoras). Optamos por colher o tweet fixado por entender como uma ‘mensagem de entrada’ para os usuários que acessam o perfil pela primeira vez.



**Figura 1:** *Print screen* do cabeçalho do perfil ‘Atila Iamarino’. Acesso em 17 jun. 2020.

Não foi percebida a interação do cientista com quaisquer dos comentários em questão. Segue abaixo, e de forma simplificada para este espaço, a lista com a descrição dos temas presentes:

- 6 comentários negativos;
- 1 elogio à figura do cientista por sua participação no programa ‘Roda Viva’;
- 1 pedido de tradução e divulgação de um estudo sobre uso da Cloroquina;
- 1 início de conversa a partir de um cantor/celebridade; e
- 1 reflexão sobre o contexto político geral.

A seguir, as telas expõem em ordem os seis comentários negativos em ordem:

---

<sup>14</sup> Coleta realizada entre os dias 16 e 17 de junho de 2020.



**Figuras 2 e 3:** Print screens do tweet fixado e suas primeiras respostas. Da esquerda para direita, telas A e B, respectivamente. Acesso em 17 jun. 2020.



**Figurass 4 e 5:** Continuação das respostas ao tweet fixado. Da esquerda para direita, telas C e D, respectivamente. Acesso em 17 jun. 2020.

Neste momento, faremos observações sobre as respostas colocadas:

**Comentário 1:** A frase ‘How dare you’<sup>15</sup> acompanha uma imagem manipulada onde a foto da ativista Greta Thunberg (em 2019) teve acrescentado o rosto do biólogo Atila. No contexto, é comum associá-la à esquerda no espectro político. Essa montagem se coloca, assim, como uma tentativa de criticar a figura do biólogo.

<sup>15</sup> Trecho proferido pela ativista climática sueca Greta Thunberg (16 anos), na Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) em setembro de 2019, onde questionava a atitude dos líderes mundiais diante da crise climática global iminente.

Respostas: Um dos usuários menciona o político estadunidense Al Gore e faz uma comparação com o biólogo Atila no que parece ser mais um rebaixamento por comparação ao espectro da esquerda. Não há um argumento claro colocado sobre a comparação ou sobre a rejeição ao biólogo, a quem esse usuário chama de ‘idiota’.

Com a intervenção de uma usuária, que se opõe à resposta anterior, outro comentário se segue com apenas um link que direciona para o portal ‘Brasil sem medo’. O texto se trata de um artigo de opinião que se contrapõe às restrições do uso da cloroquina e é endossado por um conjunto de pesquisadores brasileiros de diversas universidades/centros de pesquisa nacionais.

**Comentário 2:** A usuária demonstra insatisfação com a posição de reconhecimento do biólogo, embora não explique o motivo que deva fazê-lo ser desconsiderado.

**Comentário 3:** A projeção à qual se refere o seguidor diz respeito ao estudo elaborado por Atila quando do início da pandemia e que foi amplamente disseminado (na mídia tradicional e nas redes sociais), onde estimava mais de 1 milhão de mortos por Covid-19 no Brasil<sup>16</sup>. Não há um argumento claro que justifique a colocação do usuário.

**Comentário 4:** Aqui há um posicionamento claro de oposição política quando o usuário menciona a ‘esquerda’ como um problema. Não há argumentação mais aprofundada para justificar essa colocação.

**Comentário 5:** Neste comentário estão colocadas algumas questões argumentativas mais profundas, a saber: a liberdade de escolha que a sociedade reivindica conscientemente ter (seja para consumo material ou simbólico); a sugestão de que os títulos acadêmicos (doutorado) não são prerrogativas para afirmações “oficiais”; e crítica ao próprio processo científico de referência e continuidade de trabalhos anteriores e já consolidados (avaliados por pares, publicados em periódicos indexados etc).

**Comentário 6:** Ao xingamento está atrelado o vídeo do jornalista Allan dos Santos, do portal Terça Livre (apoiador público do governo Jair Bolsonaro até então), mas sem argumentação direta.

Na sequência desses comentários há um recorrência significativa de críticas da mesma natureza apresentada acima. A respeito das preferências político-partidárias, um destaque: dos autores dos seis comentários negativos, quatro se identificam ao menos com uma das características assim mesmo escritas nos perfis: conservador; anti-PT; cristão; anti-esquerda; e anti-comunismo.

No conjunto dos comentários, o aspecto da não-argumentação se mostra recorrente. Embora invocando diferentes opiniões sobre a figura do biólogo em si, nenhum dos usuários foi mais específico para justificar a discordância ou uma possível alternativa de interpretação.

Posto isso, gostaríamos de retomar o comentário 5 em seus aspectos apontados nas frases completas e mais extensas que os demais:

(I) Ao afirmar que a sociedade têm o direito de creditar legitimidade aos argumentos e informações as quais lhe são mais interessantes, a fala deixa transparecer que no imaginário popular o conceito de ‘verdade’ está se deslocando de um determinado espaço de factualidade

<sup>16</sup> No período desta coleta, o Brasil registrava cerca de 50 mil mortos por Covid-19 em dados oficiais.

para outro que não exatamente a terá. No campo das discussões político-partidárias e das ciências humanas em geral, o critério de ‘opinião’ é muito mais presente e aceito, dada a multiplicidade de perspectivas a serem consideradas diante de um fenômeno social. No entanto, questionar informações de natureza biológica, com materialidades visíveis a quaisquer sujeitos no cotidiano é um fato inusitado e reflete as aspirações e desafios do tempo presente, como a pós-verdade e a crise da *expertise* na saúde (SACRAMENTO; PAIVA, 2020).

(II) Com a pergunta-retórica sobre a ‘posse da verdade’, o que aparece é a indicação implícita de que a formação acadêmica, mesmo na área de biologia (correlata à epidemiologia, dadas as circunstâncias do Coronavírus), não representa para o conjunto social arcabouço suficiente para a pronta aceitação das informações interpretadas e veiculadas. Essa oposição é, inclusive, contraditória com a própria hiperespecialização do cientista a partir dos pressupostos da ciência moderna, onde o conhecimento é cada vez mais concentrado, subdividido em áreas e dominado por sujeitos dedicados particularmente a eles.

(III) Embora tenha como lógica consolidada de operação a utilização de teorias, experimentos e metodologias anteriores e já provadas, com acumulação de conhecimento, a produção do saber científico também se fez avançar a partir do rompimento com pressupostos anteriores e consagrados. Essa dualidade no modo de funcionamento é naturalmente compreendida pelos sujeitos desse ambiente acadêmico-científico, mas parece intrigar aqueles que a entendem como fratura, sinal de incerteza, de não-coesão, de desorganização. Desqualificar uma pesquisa apenas por esta se referenciar em outra anteriormente posta na comunidade científica (internacional, neste caso) deixa subentendido o desconhecimento dessa lógica.

A fala acima recortada e analisada permite retornar a, pelo menos, um dos dois aspectos que cercam a discussão sobre a transição da modernidade para a pós-modernidade: o enfraquecimento dos discursos totalizantes. A concepção de verdade factual e da materialidade das comprovações fornecidas pela racionalidade moderna fizeram da ciência um pilar firmado na narrativa de confiabilidade e tecnicidade. No presente pós-moderno, os sujeitos passam a ignorar as lógicas universais de verdade e a se permitir adotar outras interpretações de mundo que consideram tão legítima quanto essa que até então se apresentava com autoridade.

Uma modesta olhada para o panorama da expansão do ensino superior e da relativa distribuição do acesso à internet no século XXI acende novas perguntas sobre como esses fatores não parecem estar relacionados com o fenômeno do declínio das metanarrativas apontado por Lyotard ainda ao fim dos anos 1970.

---

## Considerações finais

Se, ao longo do século XX, a ciência moderna evoluiu aliada ao desenvolvimento tecnológico, a pós-modernidade dá sinais de uma afronta não-auto-justificada quanto ao conhecimento produzido por qualquer instância e sobre qualquer pressuposto. Quando a autoridade científica, gradualmente consolidada ao longo dos últimos quatro séculos, se vê questionada por lógicas operativas alheias à sua própria gênese/formação, problemáticas comunicacionais importantes também estarão em jogo, ao pensar no imbricamento de ruídos de comunicação e diálogo e divulgação científica, nas diversas instâncias sociais.

De todo modo, os exemplos aqui reunidos propõem novas questões, como a parcialidade política da ciência em seu produzir de saberes, e como o conservadorismo moral, político e religioso se coloca no diálogo social permeado pela narrativa científica.

O primeiro aspecto, da parcialidade científica, advém da suposição permanente da figura do cientista como partidário de esquerda no espectro político. Essa mentalidade aparece como pressuposto na maioria das discussões que se iniciam (de caráter científico ou em um espaço para tal, usando como exemplo as coletas), mesmo que o pesquisador em questão não se identifique publicamente com determinada corrente política.

Sobre o segundo aspecto, do conservadorismo moral, político e religioso, é importante lembrar a dualidade que cerca essas duas esferas da vida comum ao longo dos séculos, ao menos no Ocidente. Entretanto, o passado dos últimos dois ou três séculos registra uma acomodação desses conflitos a fim de uma aceitação da lógica científica como propositiva de respostas e boas contribuições no cotidiano do tecido social. Ter esse debate novamente em cena, no século XXI, coaduna com um fenômeno aparentemente inédito e que dá base legítima à pergunta: uma sociedade mais conservadora será anticientífica?

---

## Referências

ALMEIDA, O. Modernidade, pós-modernidade e outras nublosidades. In: **Cultura-Revista de História e Teoria das Ideias**, V. 22, jan 2006 Lisboa - Portugal.

BECHARA, M. A internet no Brasil. **Associação Brasileira de Concessionárias de Serviços Telefônico Fixo Comutado (ABRAFIX)**, s.l., 2015. Disponível em: <<http://www.abrafix.org.br/quem-somos/conselhos-e-diretoria>>. Acesso em 22 jun. 2020.

FRAGOSO, Suely. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HOOTSUITE Digital 2019. Relatório da Situação Digital Global em 2019. Disponível em <<https://hootsuite.com/pt/pages/digital-in-2019>>. Acesso em 01 out. de 2020.

LEONEL, M.; MESQUITA, M. A versão encantada da pós-modernidade. In: **Revista de Estudos Culturais**. 2014 São Paulo - Brasil.

LYOTARD, J. F. A condição pós-moderna. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

MARICATO, E. et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MIRANDA, J.; COSTA, G. Reconfigurações do saber científico e implicações para o ensino superior. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 2, p. 288-296, maio-ago. 2014.

NOVAES, A. A ciência na pós-modernidade: a falência das metanarrativas e suas implicações na construção do paradigma científico contemporâneo. In: **Acta Científica**. Ciências Humanas, 1(12), 9-21, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2GRUQoW>>. Acesso em 22 jun. 2020.

Número de usuários do Twitter cresce após a limpeza na rede social. **Estadão**, s.l., 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3iU8Iwa>>. Acesso em 22 jun. 2020.

PRIVACIDADE Hackeada. Direção: Karim Amer; Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer, Jehane Noujaim, Pedro Kos, Geralyn Dreyfous, Judy Korin. Estados Unidos: Netflix, 2019. 1 vídeo (2h 19m): streaming, son., color., legendado.

RODRIGUES, A.; MANFROI, V. **A universidade nos anos 2000 e a conjuntura da formação em serviço social no estado de santa catarina**. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, V, 2011, São Luís-MA. Anais, São Luís-MA, 2011. ISSN: 2175-280X.

SACRAMENTO, I.; PAIVA, R. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. In: **Revista Matrizes**, V. 14, n. 1 jan./abr. 2020 São Paulo - Brasil.

SANTOS JUNIOR, M. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 399. 2019.

VICENTE, M. et al. Análise da ampliação do ensino superior no brasil a partir do programa de reestruturação e expansão universitária: as novas universidades federais. In: **Revista Movimento**, ano 5, n. 9, 2008 Rio de Janeiro - Brasil.